

XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

**Tema central:
Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes
colaborativas no contexto da pandemia**

22 a 24 de junho de 2021, online

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design– **FAAC**
Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

RÁDIO PAULO FREIRE ESPECIAL CORONAVÍRUS: UMA EXPERIÊNCIA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL E COMUNICAÇÃO POPULAR¹

Cecília Almeida Rodrigues Lima

Professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE

Yvana Fechine

Professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE

Ana Maria da Conceição Veloso

Professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE)

Paula Reis Melo

Professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE)

Catarina Apolônio

Coordenadora Operacional da Rádio Paulo Freire - UFPE

Ana Sophia Ramos

Estudante do curso de Publicidade e Propaganda da UFPE

Resumo

As exigências de distanciamento social impostas pelo novo Coronavírus levou as emissoras de rádio, grandes ou pequenas, a reinventar rotinas profissionais, formatos e modos de circulação. A Rádio Universitária Paulo Freire, rádio escola da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), desenvolveu um conjunto de iniciativas de produção colaborativa e remota, dividido em dois eixos de trabalho, um mais propositivo voltado para a oferta de conteúdos de informação, análise e divulgação científica, e outro mais focado no combate à desinformação e fake news em torno da pandemia, fazendo ambos a interface entre extensão, pesquisa e formação. Este artigo descreve as ações desenvolvidas no período e também traz o relato de estudantes, lideranças comunitárias e agentes de saúde, que ressaltaram a importância da

¹Este texto traz uma síntese analítica das principais ações do projeto “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus”, executado ao longo de 2020, com apoio da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco e foi também encaminhado para publicação institucional, no prelo, que reunirá iniciativas de enfrentamento da pandemia no âmbito da UFPE.

atuação da Universidade num momento de crise, além da potência do projeto para descortinar processos de construção identitária na própria Universidade.

Palavras-chave: rádio universitária; divulgação científica; desinformação; Whatsapp; projeto de extensão.

Abstract

The demands for social distancing imposed by the new Coronavirus led radio stations, large or small, to reinvent professional routines, formats and content distribution methods. Rádio Universitária Paulo Freire, a radio school at Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), developed a set of collaborative and remote production initiatives, divided into two work axes, one aimed at offering information, analysis and scientific dissemination contents, and another more focused on combating misinformation and fake news around the pandemic, making both the interface between extension, research and teaching. This article describes the actions developed and also brings the report of students, community leaders and health agents, who stressed the importance of the University's performance in a time of crisis, in addition to the power of the project to unveil processes of identity construction at the University itself.

Keywords: University radio; science dissemination; disinformation; Whatsapp; Extension

Introdução

Março de 2020 determinou o início de uma fase de muitas mudanças e limitações na forma de organizar a sociedade, as relações entre pessoas e seus modos de trabalho, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Além do medo e ansiedade provocados pela emergência de saúde pública, a pandemia de Covid-19, as orientações de distanciamento social para evitar a circulação do vírus impuseram desafios de todas as ordens. Ao mesmo tempo em que as pessoas eram aconselhadas a ficarem em suas casas pelas entidades científicas, o bombardeio de informações desencontradas sobre a doença prejudicou - e muito - a capacidade humana de encontrar maneiras consensuais de lidar com a crise. O conhecimento produzido nas universidades, muitas vezes tão distante do cidadão comum, precisou encontrar maneiras eficientes de se aproximar das camadas mais vulneráveis da população, na tentativa de mitigar os efeitos de um vírus mortal.

A Rádio Universitária Paulo Freire, rádio escola da Universidade Federal de Pernambuco, uma emissora de Amplitude Modulada (frequência AM 820 KHz), assumiu o desafio de produzir e distribuir conteúdo ao mesmo tempo em que se viu obrigada a reinventar rotinas profissionais, formatos e modos de circulação. Sem perspectivas de digitalização, a grade da rádio precisou ser interrompida, em virtude da impossibilidade de operação remota, o que levou a emissora a apostar no que podem ser considerados pilares na atuação de uma rádio escola universitária: pesquisa e extensão integradas a uma experiência de formação discente.

Em um momento de emergência sanitária, a informação de qualidade e cientificamente embasada se mostrou fundamental. No entanto, muitas vezes essa informação não chega aos territórios periféricos por meio das mídias tradicionais corporativas, ou, quando chega, não tem a preocupação de traduzir conhecimentos acadêmicos para uma linguagem mais acessível. Este é o ponto de partida do presente projeto, que, ao longo de seu desenvolvimento, buscou respostas para as muitas perguntas sobre quais as melhores formas e estratégias de levar conteúdo qualificado para espaços mais vulneráveis.

O projeto “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus” contemplou um conjunto de iniciativas de produção dividido em dois eixos de trabalho, um voltado para a oferta de conteúdos de *informação*, análise e divulgação científica, e outro mais focado no combate à *desinformação* em torno da pandemia, como veremos nas próximas seções. Ao todo, o projeto permitiu o engajamento de mais de 30 pessoas, entre professores, pesquisadores, técnicos e estudantes da UFPE², e revelou novas possibilidades de produção colaborativa e remota, em esforço coletivo que propiciou uma partilha de saberes em relações de caráter mais horizontal, dentro da equipe e nas relações da rádio com seus parceiros.

Ao longo do artigo, descrevemos de modo geral as ações que foram realizadas no período, bem como seus principais desafios para, em seguida, aprofundarmos a descrição da ação que consideramos ter sido mais potente, uma vez que abriu caminhos não apenas para pensar novas formas de atuação da própria rádio no futuro, mas também propiciou reflexões preciosas para sua atuação extensionista: os conteúdos do “Manda no Zap”.

1 Rádio Paulo Freire: a rádio que fazemos juntos e juntas

A Universitária AM 820 foi criada em 1962, no período em que Paulo Freire, patrono da educação brasileira, esteve à frente do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife (SEC/UR). O projeto envolveu intelectuais progressistas, o então reitor da Universidade do Recife (denominação da UFPE à época) e entusiastas da educação como forma de liberdade. Ali tinha início o embrião do que viria a se transformar na Pró-Reitoria de Extensão da UFPE, primeira experiência extensionista a ser implementada no Brasil, com a institucionalização da SEC/UR em 8 de fevereiro de 1962 (MENDONÇA e VERAS, 2004, p.15). Denominada na época de sua criação como Rádio Universidade, a emissora também fazia parte de um projeto educacional liderado por Paulo Freire.

² Participantes do projeto. Docentes da UFPE: Adriana Maria Andrade de Santana (DECOM), Alice Gouveia (DECOM), Ana Carolina Gonçalves Leite (Departamento de Ciências Geográficas (DCG/CFCH), Ana Maria da Conceição Veloso (DECOM), Bruno Pedrosa Nogueira (DECOM), Cecília Almeida Rodrigues Lima (DECOM), Cristina Teireixa (DECOM). Técnicos-administrativos da UFPE: Catarina de Almeida Apolônio, Felipe Peixoto, Paulo Fernando Santana de Oliveira, Roberta Lira dos Santos. Estudantes da UFPE: Karoline Maria da Silva (Rádio, TV e Internet), Ana Alice Barros e Silva (Jornalismo), Ana Sophia Ramos Maciel Cordeiro (Publicidade e Propaganda), Dayane Santos Lima (DCG), Letícia Gabriela (Publicidade e Propaganda), Anthony Gabriel Sales Santana (Rádio, TV e Internet), Danilo de Melo Cabral (Jornalismo), Humberto Sousa Cassimiro (Jornalismo), João Lucas de Araújo Dantas (Rádio, TV e Internet), Larissa Cristina Correia da Silva (Rádio, TV e Internet), Stefany dos Santos Silva (DCG), Steffane K.de Souza Silva (DCG), Walter D. Silva Calado (DCG), Wellen Oliveira de Arquino (DCG), Willian Araújo Viegas de Oliveira (Jornalismo), Wilson Teixeira da Silva Araújo (Rádio, TV e Internet), Fernando de Barros Wanderley Neto (Ciências da Computação), Carla Nogueira (Comunicação Social/CAA), Heberton Cesar (Comunicação Social/CAA). Colaborador externo: Gustavo Cabrera Christiansen.

Em novembro de 2018, após um longo período apenas reproduzindo a programação da Rádio Universitária FM 99.9 MHz, a emissora ganhou novos estatuto e regimento, passando a funcionar com novo nome e sob a gestão do Departamento de Comunicação Social da UFPE, assumindo a função de rádio escola. Muito mais do que uma homenagem ao seu fundador, a mudança de nome reflete a influência do pensamento paulofreireano na concepção da emissora - identificação e valorização da cultura e saberes das classes populares, assim como a aposta em um conhecimento que se constrói coletivamente, a partir de mecanismos de participação e reconhecimento do outro. Tal orientação é evidenciada pelo slogan: “Rádio Paulo Freire, a rádio que fazemos juntos”, com o qual se indica um diálogo imediato com o pensamento de Freire. Segundo ele, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo” (FREIRE, 2015, p. 25).

Já como rádio escola, a Paulo Freire passou a operar com programação própria a partir de fevereiro de 2019. Nessa fase, a emissora veicula uma grade própria de seis horas diárias (das 8h às 14h), composta por programas e conteúdos produzidos 1) Pela equipe interna da rádio, formada por alunos dos cursos de Comunicação Social sob supervisão da equipe gestora; 2) Pela comunidade acadêmica, a partir de disciplinas ou projetos de extensão; 3) Por outras emissoras universitárias; e 4) Pela sociedade civil, por meio de chamadas públicas. No restante do dia, a Paulo Freire espelha a programação da Universitária FM, pois ainda não possui ainda um quadro de pessoal que permita sua inteira autonomia de programação. Todos os programas oriundos da própria rádio também são veiculados por *streaming* no perfil da rádio nas plataformas digitais Facebook e YouTube, com divulgação também pelo Twitter e Instagram. Após a veiculação, os programas ficam disponíveis ao público no YouTube.

2 Especial Coronavírus: desafios e oportunidades

Em virtude da pandemia, a impossibilidade de estar presente e manter o distanciamento social no pequeno estúdio da Paulo Freire, localizado atrás da Reitoria da UFPE, fez com que a rádio precisasse encontrar maneiras de dar continuidade à sua produção de maneira remota. A rádio passou a retransmitir integralmente a programação da Universitária FM. Porém, a equipe gestora da Paulo Freire conseguiu acomodar na grade da FM os conteúdos produzidos como parte do projeto especial “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus”, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE, com vigência de seis meses. O projeto incorporou à equipe da rádio mais seis bolsistas pelo período de duração do projeto (de maio a outubro de 2020), trabalhando em casa com os recursos disponíveis, além de estudantes voluntários. As limitações levaram a equipe a experimentar formatos novos: formatos multiplataforma, concebidos numa lógica “dois em um” ou “três em um”

(transmissão ao vivo no Facebook que se transforma em programa de rádio, distribuído posteriormente também como *podcast*) e conteúdos pensados para outras redes de circulação, como listas de transmissão e grupos no aplicativo mensageiro WhatsApp.

Como dito, o Especial Coronavírus procurou dar ênfase a conteúdos com o objetivo de difundir as descobertas científicas sobre a Covid-19 em linguagem acessível, palatável para a maior parte da população; além de combater a enxurrada de *fake news* que rapidamente se tornou uma ameaça à saúde pública. Dessa forma, todos os produtos foram pensados como parte de duas grandes ações: “Saúde é o Tema”, com foco dirigido à informação qualificada acerca da Covid-19, de onde também se originam os conteúdos do “Momento Saúde” e “Manda no Zap”, este último voltado prioritariamente para o aplicativo de mensagens; e “Coronavírus em Xeque”, preocupado em combater a desinformação em torno da pandemia e discutir seus efeitos políticos.

Os produtos foram pensados e distribuídos da maneira que se segue:

Quadro 1 – Conteúdos produzidos no período emergencial

Ação	Estratégia	Produtos	Distribuição
Saúde é o Tema	Programa semanal de entrevistas com especialistas da área de Saúde e Epidemiologia	Transmissão ao vivo (“live”) (cerca de 1h)	Facebook / YouTube
		Programa editado a partir da <i>live</i> (cerca de 56 minutos)	Rádio (AM e FM)
			Site
	Momento Saúde - orientações de especialistas e conteúdos educativos	Interprogramas em áudio (até 3 minutos)	Rádio (AM e FM), nos intervalos da programação
			Site
		Vídeos educativos (até 1 minuto)	TV Universitária YouTube
	“Manda no Zap”	Áudios educativos, de até 1 minuto, com dicas de saúde em linguagem popular	Aplicativos mensageiros (WhatsApp)
			Rádios comunitárias, públicas ou universitárias
	Reportagens especiais	Materiais em áudio, de até 3 minutos, veiculados no programa jornalístico “Especial Coronavírus”	Rádio (AM e FM)
			Rádios comunitárias, públicas ou universitárias

			Aplicativos mensageiros (WhatsApp)
Coronavírus em Xequê	“Drops”	Depoimentos e análises de especialistas de até 3 minutos, orientando cidadãos para auxiliar no combate à desinformação	Rádio (AM e FM), nos intervalos da programação
			Site
			Aplicativos mensageiros (WhatsApp)
			Rádios comunitárias, públicas ou universitárias
	Programa semanal	Compilação dos “drops” enviados ao longo da semana, com informações complementares, gerando um programa de 20 a 25 minutos.	Rádio (AM e FM)
			Site, plataformas e clientes de <i>podcast</i>
	Relatórios analíticos	Resumo das pesquisas realizadas no contexto do projeto, em formato de texto.	Site
	Vídeos educativos	Coluna semanal no Opinião Pernambuco, de até 3 minutos, desmentindo <i>fake news</i> ou analisando estratégias desinformativas	TV Universitária
			Instagram (IGTV)
		Vídeos didáticos, de até 1 minuto, orientando o usuário para lidar com <i>fake News</i>	TV Universitária (nos intervalos da programação)
		YouTube	

Fonte: Fechine et al, 2021 [no prelo]

2.1 Aprendizados e conquistas “ao vivo”

No feriado de 1º. de maio de 2020, foi ao ar a primeira transmissão do programa Saúde é o Tema, especial coronavírus, de maneira remota. Apresentadora, entrevistadas e operadora separadas fisicamente. Juntas, conectadas ao software de vídeo chamadas Skype e falando ao vivo para telespectadores/ouvintes do Facebook. Apesar de todos os problemas técnicos, a entrevista aconteceu, foi gravada ao vivo, editada e depois transmitida nas rádios Universitárias AM e FM da UFPE, além de ter sido transmitida em várias rádios parceiras.

Foi preciso, antes de tudo, reaprender a comunicar e fazer rádio. Tivemos que aprender a fazer rádio sem estar na emissora, começar e terminar um programa sem a linguagem característica do rádio: sem ver o operador; sem ouvir a abertura, música característica e vinhetas do programa. Para o programa acontecer, algumas vezes tivemos que nos adaptar às agendas dos entrevistados;

entrevistar sem ver e ouvir direito o entrevistado; operar áudio e vídeo remotamente dando instruções ao vivo usando o WhatsApp ou escrevendo diretamente no roteiro lido pelos apresentadores. Enviamos materiais para os bolsistas que não possuíam equipamentos de apoio, distribuímos as atividades de forma democrática, respeitando a necessidade e a disponibilidade de cada integrante.

Tiramos o máximo de proveito dos conteúdos gravados. O que não era possível fazer ao vivo durante o *streaming*, acrescentávamos durante a edição dos programas (ritmo, abertura, música tema, encerramento, vinhetas etc.). Muitos médicos participaram do “Saúde é o Tema” diretamente de seus locais de trabalho: Unidades Básicas de Saúde, Hospitais ou Laboratórios. Esta foi uma das vantagens do trabalho remoto: conseguir a participação de profissionais que dificilmente conseguiriam ir à emissora conceder uma entrevista de uma hora. O lado negativo, no entanto, também foi perceptível: falta de familiaridade da equipe ou dos entrevistados com as novas tecnologias (softwares e equipamentos); transmissões sujeitas à variação de sinal da internet; desigualdade de acesso entre cada um dos participantes das “lives” e assim por diante. Mesmo vivendo na era da internet, a nova lógica de interação acadêmica em que ninguém se encontra presencialmente causou estranhamento e tornou a produção ainda mais desafiadora.

Além dos desafios dessa nova forma de fazer rádio ao vivo, muitos conteúdos dentro das duas grandes ações foram criados para serem gravados, como os interprogramas, reportagens e vídeos do “Momento Saúde”; os conteúdos do “Manda no Zap”; os *drops*, *podcasts* e os vídeos do “Coronavírus em Xeque”. Encontrar a linguagem e o tom mais apropriados para cada tipo de conteúdo, bem como gravar e editar contando com os equipamentos disponíveis nas casas das professoras e bolsistas, exigiu também uma série de novos aprendizados técnicos de toda a equipe. Entre uma emissão e outra, a partir da resposta do público pelas redes sociais e pelo próprio WhatsApp, readequamos aquilo que consideramos necessário e buscamos novas parcerias, dentro e fora da UFPE³, no intuito de amplificar ainda mais o alcance do projeto.

O “Saúde é o Tema” produziu, até dezembro de 2020, 31 programas, 86 interprogramas, 43 vídeos educativos, 94 áudios para o “Manda no Zap” e 52 reportagens especiais. Conseguimos entrevistar cientistas e pesquisadores de outras cidades, estados e países, como, por exemplo, o médico sanitário e ex-Ministro da Saúde, José Gomes Temporão e a médica paraguaia e membra da Associação Latinoamericana de Medicina Social, Marcela Aquino.

O “Coronavírus em xeque” produziu, no total, 20 podcasts e 159 *drops*, com uma média de oito interprogramas por semana, contando com a colaboração de professores e pesquisadores de

³ Por exemplo, nossa colaboração com Projeto Mãos Solidárias, que envolveu vários movimentos sociais e outros departamentos da UFPE. Também firmamos parcerias com dezenas de rádios comunitárias, como a Rádio Aconchego, e públicas, como a Rádio Frei Caneca, para distribuição dos conteúdos que produzimos.

vários departamentos da UFPE, bem como de outras instituições⁴. Também envolveu, a partir de julho de 2020, uma parceria com o Coletivo Bereia, especializado em checagem de informações em sites e fontes ligadas à religião.

As redes sociais foram grandes aliadas do processo de execução e divulgação dos programas. Os perfis da Rádio Paulo Freire nas redes compartilhavam informações de utilidade pública em forma de vídeos curtos, *cards* informativos, publicações no site e muito mais. O projeto soma, em quantidade, mais de 200 produtos que foram veiculados nas redes sociais digitais, alcançando mais de 30 mil pessoas com pelo menos um de seus produtos informativos.

2.2 “Manda no Zap”: ciência na voz e nos ouvidos da população

Entre as iniciativas do “Saúde é o Tema”, merece destaque o “Manda no Zap”. A ação explorou o potencial do WhatsApp, aplicativo de mensagens com mais de 2 bilhões de usuários em todo o mundo⁵, para a distribuição de conteúdos. Uma das ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo é a lista de transmissão, que permite o envio dos mesmos conteúdos para todas as pessoas que previamente concordaram em assinar a lista. Por meio dessa funcionalidade, divulgamos áudios com orientações e dicas sobre como se prevenir do contágio pelo novo Coronavírus e de como lidar com a Covid-19 em suas mais variadas dimensões.

Os *spots*, de aproximadamente um minuto, eram direcionados especialmente para comunidades e espaços periféricos. As peças foram utilizadas, também, pelos Agentes Populares de Saúde e pelas Bikes da Saúde, como parte do Projeto Mãos Solidárias Pernambuco, que envolveu várias entidades e movimentos sociais em ações de orientação e solidariedade na região metropolitana de Recife no período da pandemia.

Os temas contemplavam necessidades identificadas em mapeamentos realizados em territórios de maior vulnerabilidade, por professores e estudantes de outros departamentos, como Geografia e Ciências da Informação. Não somente o conteúdo foi elaborado considerando os fatores socioeconômicos como também a forma, a linguagem, que buscou se aproximar do universo cultural dos espaços periféricos, com locução mais coloquial, música e repertório, conferindo ar mais leve e informal à tradicional dureza da linguagem científica. Um dos quadros de maior repercussão do “Manda no Zap” foi a Bodega do Seu Mané, esquete ficcional humorístico que simula situações reais a partir de personagens que fazem alusão ao modo de vida das comunidades.

⁴ Por exemplo, UFPB, UFMA, UFAL, UFRN, UFBA, UNICAP, UPE, UEPB, UFF, UERJ, Fiocruz, UNIP, Unicamp, UFMG, UFRGS, USP, Instituto Questão de Ciência e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Coletivo Intervozes; agências ou aplicativos de checagem, como Aos Fatos, Eté Checagem, Confere Aí, Projeto Comprova, entre outros

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/02/WhatsApp-atinge-2-bilhoes-de-usuarios.shtml>.

A produção dos *spots* foi feita predominantemente por estudantes voluntários ou bolsistas, mas também foram enviados e gravados por líderes comunitários que, com o suporte técnico-expressivo da equipe da Rádio Paulo Freire, falavam diretamente aos seus territórios. Contou positivamente o fato de que muitos estudantes envolvidos são moradores das periferias urbanas.

No WhatsApp, os *spots* circularam ainda em grupos ligados ao Centro Brasileiro de Estudos da Saúde, Rede Nacional de Médicos e Médicas Populares, Movimento SUS na Rua, entre outros. Também ficaram disponíveis para uso livre na seção “Manda no zap”, no site da Rádio Universitária Paulo Freire. Toda a produção foi disponibilizada para outras rádios comunitárias ou públicas, como a da Rádio Comunitária Alternativa FM, coordenada pela Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (PE) - AMUNAM e a Rádio Frei Caneca FM.

A ação pode ser compreendida como uma experiência embrionária, no âmbito da Rádio Paulo Freire, de uma rádio baseada na oferta de conteúdos sonoros, em formatos curtos, por meio de aplicativos. No caso do “Manda no Zap”, os conteúdos foram distribuídos obedecendo a um cronograma de envio organizado, semana a semana, nos moldes de uma programação. O êxito da experiência indica o potencial desse tipo de produção e de distribuição de conteúdos serializados por meio de listas de transmissão não apenas em momentos excepcionais, como o da pandemia, mas de modo contínuo, dirigido para grupos segmentados de interesse. A percepção do potencial dessa experiência nos motivou a compreendê-la melhor, a partir de uma avaliação feita por meio de grupos focais⁶ com lideranças comunitárias, agentes de saúde e estudantes envolvidos.

3 Aprendizados na comunicação e na extensão

O grupo focal foi escolhido como técnica de pesquisa de natureza qualitativa para averiguar o potencial das ações da Rádio Paulo Freire e seus impactos nos territórios populares para a consolidação de uma rede de mobilização social e de qualificação de informação a partir da comunicação pública. Os encontros foram realizados nos dias 29 e 30 de Setembro de 2020, à distância, utilizando a plataforma de videoconferência Google Meet. Todos os depoimentos foram anonimizados a fim de preservar a identidade dos participantes.

Os depoentes falaram das dificuldades iniciais e do trabalho que desenvolveram com foco em ações solidárias de distribuição de alimento e de prevenção em saúde, incluindo o trabalho de comunicação, no contexto da pandemia da Covid-19.

Logo de início foi uma bomba, a gente não sabia como lidar com isso. A primeira coisa foi nos isolarmos. A gente ficou com medo das nossas próprias ações. [...] Outro medo foi a fo-

⁶ Os grupos focais foram conduzidos pela professora Cristina Teixeira, do Departamento de Comunicação Social, integrante do projeto de pesquisa “Observatório de Mídias de Conteúdos Informativos sobre COVID-19”, ao qual a Rádio Paulo Freire também se associou em suas ações de combate à desinformação.

me visceral como um ponto de preocupação. Isso foi o ponto impositivo de uma rede de solidariedade por todo o Brasil. (Depoente 1)

A realidade não é boa. Pode ser boa para a classe média, mas pra gente da periferia, não. A gente tá sofrendo as consequências agora. A gente viveu um momento de terror com a pandemia e ainda tá vivendo, porque muita gente ficou desempregada. Ainda dá aquele pânico do desemprego, da fome. (Depoente 2)

Muitos comentários destacaram a falta de acesso à informação de qualidade nos territórios, e a vulnerabilidade desses ambientes aos conteúdos desinformativos e *fake news*. “Tem gente que não acreditava e até hoje não acredita”, disse um dos participantes. Um destaque foi a importância do trabalho de comunicação em redes das rádios, TVs e coletivos populares. Os participantes chamaram atenção para o fato desses coletivos buscarem uma informação voltada para os interesses populares, uma cidadania inclusiva, fora da lógica mercadológica. O WhatsApp, apesar de ser uma ferramenta privada, foi elogiado, já que “o zap é o lugar que as pessoas têm mais acesso, tem banco de dados para circular informações, e é lá que elas se informam”.

O trabalho da Paulo Freire, especialmente do “Manda no Zap”, e em especial do quadro ficcional “Bodega do Seu Mané”⁷, foi destacado positivamente. Com bom humor, o quadro tratava de situações e comportamentos cotidianos durante a pandemia a partir das trapalhadas de Chico, cliente e amigo de Seu Mané, o dono da bodega. Todos atribuíram a este quadro uma eficácia comunicacional muito grande, em função da linguagem utilizada e da estrutura do diálogo entre as personagens. Tal percepção fica evidente nos depoimentos abaixo, que terminam apontando a própria importância da aproximação universidade/sociedade, objetivo das ações extensionistas.

A gente aqui do Ibura de Baixo não recebeu informação da prefeitura. A informação que a gente recebeu foi da rádio Paulo Freire. Informação via WhatsApp. Os vídeos que o pessoal manda pelo WhatsApp foi muito bom, muito produtivo. O pessoal gostou muito. Eu avalio muito bem a comunicação da rádio Paulo Freire. Sempre tinha aquele toque do passinho, coisa de comunidade mesmo. O pessoal recebeu muito bem. Todo mundo entendia as mensagens. Tinha muita coisa ali que o pessoal passava que o pessoal não sabia.[...] Pra mim, deve continuar como está porque é muito produtivo. (Depoente 1)

A gente vai ter que se reinventar. A gente vai ter que saber falar com as comunidades. A gente precisa pensar na perspectiva de pessoas de periferia. A gente precisa ampliar essa rede de articulação. A gente vai precisar dialogar e estar mais próximo (...) Se hoje a ferramenta é WhatsApp a gente vai ter que investir nisso, numa comunicação periférica pra esse meio, pra poder chegar nas periferias. (Depoente 3)

Para entender melhor a experiência dos estudantes envolvidos na ação, também realizamos um grupo focal com a participação de todos os bolsistas envolvidos, sem a presença das professoras orientadoras. Esse distanciamento permitiu uma discussão que ultrapassou os limites do projeto e

⁷ A “Bodega de Seu Mané”, com personagens criados e interpretados pelo estudante de RTVI, Wilson Teixeira da Silva Araújo, foi contemplado em segundo lugar na categoria Radiodrama no I Prêmio Rubra de Rádio Universitário, que avaliou produções sonoras em torno da pandemia de Covid-19 desenvolvidas por emissoras rádio e webrádios universitárias ou por projetos de extensão e pesquisa desenvolvidos em universidades públicas, privadas, comunitárias ou confessionais brasileiras. O prêmio foi uma iniciativa da Rede Brasileira de Rádios Universitárias e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

alcançou uma questão subjacente às políticas de democratização de acesso às universidades públicas: o enfrentamento das diferenças socioeconômicas e raciais dentro das instituições.

A expansão das instituições de educação superior, de 2003 a 2010, no Governo Lula, associada a políticas afirmativas, como o sistema de Cotas, mudou radicalmente a configuração das universidades públicas federais. De acordo com a Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018, realizada entre com estudantes de 63 universidades, o percentual de cotistas saiu de 3,1%, em 2005, para 48,3%, em 2018. Não por acaso, a pesquisa aponta que, a partir de 2014, ocorre salto e os estudantes nessa faixa de renda passam a ser 66,2% do total de estudantes da graduação, chegando a 70,2% em 2018. A inserção nesta faixa de renda nos permite supor que, no momento em que enfrentamos a pandemia, a maioria dos estudantes das universidades federais, como a UFPE, eram oriundos dos territórios periféricos. As diferenças socioeconômicas existentes no interior de uma universidade – moldada historicamente por uma educação classista e elitista – produz dificuldades relacionadas não apenas às condições materiais necessárias de permanência nos cursos, mas tensões relacionadas às diferenças identitárias. Tais diferenças não passaram despercebidas pelos estudantes envolvidos no *Manda no Zap* na medida em que “ser da periferia” foi reconhecido por eles mesmos como uma condição que permitiu o êxito na produção do “Manda no Zap”.

No grupo focal, as falas dos estudantes revelaram o quanto a experiência com a produção dos spots evidenciou uma espécie de paradoxo identitário para o qual nem sempre as ações extensionistas costumam atentar, associado à experiência de assumir e de ao mesmo tempo não assumir o novo papel social. Define um mecanismo social, vivido por indivíduos e grupos discriminados, que contempla tanto o desejo de expor a identidade quanto o temor em expô-la e, com isso, provocar perturbações no processo de organização social (NERY; COSTA, 2009). A aprendizagem do papel social de “estudante universitário” implicou para alguns participantes do grupo focal, de certo modo, nesse paradoxo identitário e, ao serem desafiados pelo projeto a “falar para a periferia forma levados a refletir sobre as percepções de si mesmo e dos outros. Com o endereçamento proposto pelo “Manda no Zap” o que sentiam como motivo de desqualificação no “ambiente universitário” – seu gostos, jeito de falar, modo de se vestir etc. – era agora parte da competência exigida pelo projeto. A experiência do “Manda no Zap” propiciou a valorização de suas identidades, colaborando, como disse uma das estudantes, para uma “reintegração” de suas identidades nos seus distintos espaços de convívio. Isso fica bem evidente nos depoimentos durante o grupo focal.

Com o projeto eu me senti numa reintegração. Quando eu cheguei na universidade, por ser da comunidade, eu precisei me distanciar um pouco poder entrar nos moldes acadêmicos, não nas aulas, mas quando eu entrei na pesquisa. Me cobravam um jeito de falar, de se vestir. Teve um dia que eu tava até arrumadinha, mas eu estava doente e fui sem maquiagem, com uma roupa mais folgada, e na reunião de meu grupo de pesquisa uma mulher disse: “você precisa se arrumar mais, você está muito desleixada.” E eu tava com roupa normal,

de cabelo preso. Sei que isso tem a ver com o racismo estrutural e eu fiquei muito chocada. *E com o projeto eu me senti muito reintegrada, eu posso ser na academia o que eu era antes.* Essas relações são ainda muito difíceis na academia. Ainda tem muita exclusão (Depoente 1) [Grifos em itálico nossos]

O emprego do termo *reintegração* já denuncia por si só a necessidade de reconduzir ou devolver a alguém o que lhe foi tomado. Pelos depoimentos dos estudantes, o que lhe foi, de certo modo, retirado ou negado foi algo de sua própria identidade, como se “ser da periferia” fosse algo incompatível com o “ser universitário”. Não é estranho que, mesmo depois dos avanços em relação à democratização do acesso às universidades públicas, os estudantes que vêm das classes populares ainda se sintam “deslocados” dentro da instituição, como mostra a fala de um dos estudantes no grupo focal:

Vindo da comunidade, sendo preto, a gente acaba se sentindo deslocado. Na comunidade eu já era esquisita por ter uma forma de falar, quando eu cheguei na universidade eu achei que não sofreria tanto isso, mas eu cheguei e eu também me senti um pouco deslocada *por não ter tanto a figura do universitário*, mesmo sendo das Ciências humanas. (Depoente 2)

A “figura do universitário” – ou o “ser universitário” – está associada a *éthos* e um estilo de vida que destoam do que encontramos nas periferias, já que o acesso à universidade era reservado predominantemente às classes médias e altas. Decorre daí o que se pode, do ponto de vista das identidades, ser entendido como um processo, deliberado ou não, de assimilação: reduz-se o Outro ao Mesmo para que ele possa se integrar plenamente ao novo ambiente que o acolheu (LANDOWSKI, 2002, p.8). Explica-se como este “ser universitário” implica, em muitas situações, no distanciamento dos estudantes de periferia de comportamentos que marcam sua proveniência.

O confronto com essas questões e o enfrentamento dessas tensões, ao longo da produção dos *spots*, permitiu, além do crescimento pessoal dos estudantes, um rico aprendizado sobre como falar *com* as periferias. O *com* reflete, neste caso, tanto a proposta de uma comunicação pública que, antes de falar, escuta, mas que também foi realizada por quem vive nesses territórios e cuja vivência foi fundamental para o que os próprios estudantes chamaram de “tradução” do conhecimento científico sobre a COVID 19.

Eu me senti muito desafiado. Eu só caí na real na hora de gravar. Foi difícil. O que pesou mais pra mim foi ser um porta-voz. Essa ideia de trazer uma roupagem periférica, para mim *não era trazer, é ser* (Depoente 4).

Quando a gente chega na universidade, a gente aprende a seguir outros caminhos, a falar de outro jeito, tudo era mais formal. Aí, eu resolvi trazer a informalidade, mas sem trazer tantas marcas de linguagem [...]. Não *queria estereotipar a fala da comunidade*. Quando a gente conseguiu chegar aí, foi só manter e fazer as pesquisas (Depoente 5).

Eu moro da periferia da periferia e apesar de ser branco, eu percebo que passei por este processo de embranquecimento, de negação das minhas raízes. Na universidade acontece um grande processo de tradução e esse processo nem sempre se conclui. É um processo doloroso porque você chega numa sala e tem contato com coisas que você nunca tinha tido antes. Isso aconteceu, por exemplo, com as minhas aulas de inglês instrumental. Todo mundo falava e eu não. *O grande desafio do projeto foi fazer essa tradução*. A gente tá fazendo sucesso por-

que a gente conseguiu traduzir para a periferia fazendo com que eles se sentissem parte de um todo. (Depoente 6)

Considerações finais

Ao enfrentarmos, durante a pandemia de Covid-19, o “vírus” igualmente grave da desinformação, as rádios universitárias cumpriram um papel importante de orientação e divulgação científica para diferentes públicos e em diferentes formatos. O mais desafiador, no entanto, foi - e continua sendo - falar *para, sobre e com* as periferias. Isso significa assumir a necessidade não apenas das suas rádios, mas da Universidade como um todo se aproximar mais das periferias, começando por problematizar o que está “dentro” e “fora” dos seus muros, ou antes o que significa tal distinção. Como nos ensinou Paulo Freire (1986, p.13), “nesse aproximar-se não existe um *sine qua non* geográfico, físico, não basta enviar alunos e professores às áreas populares de forma paternalista, é preciso conectar-se mais com seus problemas, interesses e perspectivas”.

O projeto Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus nos confrontou de modo mais evidente não apenas com essa concepção de proximidade entre universidade e sociedade, mas também com a necessidade de resistir a ideia de uma suposta “neutralidade” do conhecimento e, sobretudo, no caso da comunicação. No contexto político no qual o Brasil enfrentou a pandemia é cada vez mais urgente uma comunicação pública atuante, capaz de praticar um jornalismo posicionado e com compromisso popular ao assumir perspectivas ao mesmo tempo inclusivas e contradiscursivas. A neutralidade, na perspectiva paulofreireana, nada mais é do que um compromisso oculto com a manutenção do *status quo*. “Os que se dizem neutros estão comprometidos consigo mesmo, com seus interesses e com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, eles assumem a neutralidade impossível”, é o que nos ensina Paulo Freire (1981, p.9). O verdadeiro compromisso é a solidariedade com os que foram convertidos em ‘coisas’ pelas injustiças sociais e, em função disso, costumam ser condenados à invisibilidade. Em um país marcado por desigualdades, que se revelam de modo mais brutal numa pandemia, este compromisso é com a mudança social, na qual a comunicação midiática possui uma centralidade cada vez maior.

É preciso que a universidade - e nisso incluímos suas emissoras de rádio - faça um esforço para refletir e enxergar a si mesma com mais clareza. As tensões reveladas pelos processos de produção e formação ao qual o “Manda no zap” deu lugar apontam para a necessidade de valorizar práticas extensionistas orientadas pela compreensão de que, no espaço universitário, o “fora”, hoje, está “dentro” e é somente agindo “por dentro” que podemos diminuir o distanciamento histórico ditado pelo próprio modo como o sistema de educação superior se organizou no Brasil. É importante ressaltar a importância da política de bolsas de extensão, instrumento para que os estudantes oriundos das periferias possam atuar em seus territórios *sendo universitários*.

Todos da equipe têm agora uma visão muito mais ampla do que é fazer comunicação e extensão, bem como do que é estar na linha de frente de uma pandemia entregando informação confiável. Embora não estivessem em sala de aula, os professores e estudantes envolvidos protagonizaram uma experiência singular de formação movida pela contingência do momento histórico vivido. A experiência de "fazer história" sem sair de casa foi para todos inesquecível.

Referências

FECHINE Yvana et al. O rádio expandido no enfrentamento à pandemia de COVID-19: a experiência da Rádio Universitária Paulo Freire, **Revista Radiofonias**, 2021 [no prelo]

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Educação e mudança**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. O compromisso popular da universidade. In: **Universidade e compromisso popular** [Transcrição de seminário]. Campinas: PUCCAMP, 1986.

MENDONÇA, Djanyse Barros de Arruda; VERAS, Dimas Brasileiro. Educação popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962-1964). **Estudos Universitários, revista de cultura da Universidade Federal de Pernambuco**, v. 24/25, n. 5/6. Recife, dez. 2004.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002

NERY, Maria da Penha; COSTA, Liana Fortunado. Política afirmativa racial: polêmicas e processos de identidade do cotista universitário. **Psico-USF**, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009